

SOBRE A INVENÇÃO DA MULATA*

MARIZA CORRÊA**

Resumo

Boa parte dos autores que trabalham com o sistema de classificações raciais no Brasil subscreve a descrição que Patrícia Birman faz dele: “privilegia-se um certo *continuum* de relações ao invés de estabelecer campos com fronteiras em domínios excludentes”. Tal sistema, “que permite a seus integrantes possuir posições variadas, referidas a mais de uma dimensão”, tornaria de difícil aplicação a noção de identidade. Exatamente o oposto parece ocorrer com o sistema de classificações de gênero no qual o par masculino/feminina tenta estabelecer com clareza aquelas fronteiras, isto é, desmentir, simbólica ou socialmente, a possibilidade de um *continuum* entre os dois pólos. Na literatura sobre a questão das relações raciais, a figura do mulato é sempre invocada como prova daquela escala; já a da **mulata** que pareceria oferecer a resolução cultural dessa incompatibilidade entre o sistema de classificações racial e o de gênero, pouco se fala. Mas como se constituiu historicamente essa figura tão contraditória, que parece ora renegar, ora confirmar um e outro sistema? Figura tão idêntica a si mesmo nos discursos médicos, literários ou carnavalescos que a singularizaram com tanta nitidez que parece não haver nenhuma descontinuidade entre a mulata das lavagens do Bonfim dos tempos de Nina Rodrigues e a “mulata globeleza” dos dias de hoje.

Palavras-chave: raça, gênero, mulata, literatura.

*Recebido para publicação em junho de 1996. Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no GT “Gênero e Raça”, XX Reunião Brasileira de Antropologia e I Conferência: Relações Étnicas e Raciais na América Latina, em abril de 1996.

**Professora do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

Sobre a invenção da mulata



Folha Imagem/Milton M. Flores

**Para os americanos branco é branco,
preto é preto (e a mulata não é a tal),
bicha é bicha, macho é macho,
mulher é mulher...
(Caetano Veloso, Americanos)**

1. advertência

Este foi um texto difícil de escrever porque lido aqui com várias questões cuja relação procuro mostrar mas que têm sido, em geral, abordadas separadamente. O ponto de partida é um tema já tantas vezes tratado (ou maltratado) nas letras pátrias – a nossa famosa vocação de morenidade – embora não seja meu objetivo rediscutir a vasta bibliografia produzida pelo menos desde os anos trinta e sim tratá-la como um pano de fundo de outras questões. Mas, ao (pretender) discutir a relação entre raça e gênero a partir de uma análise da figura mítica ou imaginária da mulata, sou obrigada a tratar de modo sumário tanto as construções textuais sobre raça como as sobre gênero – extremamente diversificadas internamente – bem como a passar rapidamente pelas transformações que têm marcado essas construções ao longo de nossa história intelectual. Isto é, tanto a passagem do pólo negativo – a miscigenação é o mal do país – para seu pólo positivo nas mais variadas apologias da nossa como uma sociedade mestiça, nos discursos médicos, literários ou carnavalescos, quanto a mudança de registro das **análises** sobre esses mesmos discursos, "sexuadas" antes, "engendradas" agora, seriam, por si sós, objeto para muita pesquisa. Por esses dois conjuntos de discursos, assim descarnados, em relação, fazer com que falem um com o outro e, **além disso**, pensar em como um pode iluminar o outro em nossas modestas pesquisas empíricas, exigiria uma fundamentação bem mais ampla do que a que apresento aqui. Resultou disso um texto um tanto telegráfico: perco muitos leitores (aos quais tento indicar, como consolação, alguns dos caminhos já trilhados, na notas), espero ganhar outros (que saberão preencher as lacunas do texto com suas próprias evocações de leitura).

Gostaria, ainda, de observar o quão paradoxal é o fato de, enquanto antropólogos, negarmos com veemência o estatuto

Sobre a invenção da mulata

determinante, ou preferencial, de qualquer marcador social de diferenças dado e, enquanto feministas, tentarmos estabelecer, também de modo veemente, a prioridade do gênero como marcador social relevante em todas as circunstâncias. Se gênero se refere às múltiplas conotações sociais atribuídas ao dimorfismo sexual, é como se saltássemos um degrau na seqüência de análise dessa multiplicidade ao nos perguntarmos diretamente de que modo esse dimorfismo é tematizado pelos grupos sociais cujo comportamento analisamos, concedendo assim, a priori, atenção privilegiada a ele antes de investigarmos, como diria Bourdieu, quais são as "formas de poder e tipos de capital eficientes no universo considerado".

Mas, se não podemos pedir ao marcador de gênero mais do que ele pode oferecer em termos de conseqüências teóricas, talvez estejamos deixando de explorar seus limites, ao deixar de explorar suas fronteiras, ou seja, suas afinidades e conflitos com outros marcadores sociais.

Este texto é, então, uma tentativa muito preliminar de refletir sobre as possíveis relações, no universo das classificações, entre raça e gênero, tomando ambos os termos em sua acepção corrente nas pesquisas em andamento nos dois campos e sem a preocupação de interrogar seu estatuto epistemológico ou sua história etimológica.

Apesar do título, não se trata aqui de uma investigação histórica ou empírica a respeito da criação dessa figura conceitualmente tão rica que é a mulata – tal objetivo exigiria considerar muitos outros universos além daqueles que vou citar aqui. Não se trata, tampouco, de falar da perspectiva do sujeito, mas sim da **construção** do sujeito enquanto objeto de discursos médicos, literários e carnavalescos.¹ Isto é, de pensar como a invenção dessa categoria, para além de sua existência empírica, pode contribuir para questionarmos nossa forma habitual de tratar seja das relações de raça, seja das relações de gênero.

¹ Para uma perspectiva do sujeito, ver GILLIAM, Angela e Onik'a. "Negociando a subjetividade da mulata no Brasil". *Estudos Feministas*, ("Dossiê Mulheres Negras"), 3(2), 1995.

2. a mulata desejável e a mulata indesejada

Seria preciso o talento de Lévi-Strauss para fazer o inventário da rica coleção de ervas e especiarias utilizadas nas metáforas dos cheiros, gostos e cores evocados nas frases nas quais a mulata é sujeito: manjerição, cravo e baunilha nas de Aluísio Azevedo (*O cortiço*, 1890); cravo, canela e alecrim nas de Jorge Amado (*Gabriela, cravo e canela*, 1958; *Tenda dos milagres*, 1969); mandioca doce nas de João Felício dos Santos (*João Abade*, 1958). A lista poderia continuar, mas podemos resumí-la no verso de Lamartine Babo (*O teu cabelo não nega*, 1932): "Tens um sabor / bem do Brasil".² Além de cheirosa e gostosa a mulata é muitas outras coisas nesses e em outros textos: é bonita e graciosa, dengosa e sensual; em suma, **desejável**.³

De Gregório de Matos a Guimarães Rosa, na prosa e na poesia, no universo do carnaval (ou do samba⁴), através do rádio, do teatro

² Ver mais detalhes da caracterização das mulatas na literatura e nas músicas de carnaval em QUEIROZ Júnior, Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo, Ática, 1975; e NUNES, Maria Luísa. "Images of the woman of color in Brazilian literature: O cortiço, Clara dos Anjos, Gabriela, cravo e canela and O quinze". In: STEADY, Filomina Chioma (ed.). *The black woman cross-culturally*. Vermont, Schenkman books, Rochester, 1985. Ver também RABASSA, Gregory. *O negro na ficção brasileira*. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1965, onde, entretanto, a literatura brasileira é lida da perspectiva norte-americana das relações raciais e o mulato ou a mulata não são tematizados.

³ Observador atento dos usos sociais e literários, Machado de Assis põe na boca de um jovem senhor de engenho a seguinte súplica à mucama da fazenda: "Oh! não me negues teu suave aroma!" (No caso, aroma de "rosa agreste".) Roberto Schwarz observa que "a moral não tarda: enquanto a cativa espera um filho", o moço encontra moça de sua classe e "volta à fazenda para atar o laço conjugal", e comenta que, para Machado, a "esperança romanesca é especiosa. Serve aos caprichos do senhor, e desserve o dependente." (*Ao vencedor as batatas*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1977, p.166.) Sobre a mucama na origem da construção da mulata, ver GONZALES, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". *Ciências Sociais Hoje* (2), Brasília, ANPOCS, 1983.

⁴ Ver VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor/Editora da UFRJ, 1995 para uma fina análise da criação do samba como expressão do "projeto mestiço" brasileiro. Como o samba, a mulata imaginária, **pace**

Sobre a invenção da mulata

rebolado e da televisão, a mulata, assim construída como um objeto de desejo, tornou-se um símbolo nacional. Em sua última encarnação, na vinheta **globeleza**, na qual a tecnologia utilizada para representá-la é pelo menos tão importante como sua corporificação de todos aqueles atributos mais antigos, temos uma espécie de mulata estilizada, abstrata, ou imaginária, que resume ou sintetiza todas as suas antepassadas.

Tal estatuto simbólico, no entanto, firmou-se no mesmo campo semântico do qual faziam parte uma série de outros discursos, com freqüência emitidos pelos mesmos autores antes citados, e nos quais as palavras-chave, utilizadas para qualificá-la como indesejada, têm estreita afinidade com os atributos que serviram para identificar positivamente a mulata no imaginário brasileiro. Palavras que a vinculavam diretamente, sem mediações de ervas ou especiarias, ao universo da pura sensação corporal: lubricidade, volubilidade, amoralidade. No discurso de alguns críticos literários (José Veríssimo, Silvio Romero), no de alguns historiadores (Capistrano de Abreu), no discurso médico (Raimundo Nina Rodrigues e muitos outros) e no literário (repito, de Gregório de Matos a Guimarães Rosa) que serviu de lastro para a construção dessa figura mítica, a mulata é puro corpo, ou sexo, não "engendrado" socialmente.⁵ O **mulato**, do mesmo Aluísio Azevedo, os mulatos de *Sobrados e Mucambos* e os de Jorge Amado são agentes sociais, carregam o peso da ascensão social, ou do desafio à ordem social, nas suas costas **espadaúdas**; com sua **cintura**

Jorge Amado, também parece ser uma criação carioca, não só porque o samba foi um dos veículos mais importantes de sua divulgação inicial, ou porque ela seja heroína dos romances ambientados no Rio de Janeiro com muita freqüência, mas também porque foi através do rádio primeiro e da televisão depois que essa imagem se amplificou para o país. A **imagem** de Gabriela é, muito provavelmente, mais aquela projetada pela Rede Globo do que a imagem textual do romance que leva seu nome.

⁵ Ver as referências a esses e outros autores na minha tese de doutorado, "As ilusões da liberdade – a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil", São Paulo, Universidade de São Paulo, 1982 e a análise de SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1984, sobre o romance naturalista que assimilou boa parte do discurso médico da época, especialmente na caracterização de personagens femininas.

fina as mulatas, no máximo, provocam descenso social, e, no mínimo, desordem na ordem constituída do cotidiano: na literatura, Vidinha (*Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida⁶) e Rita Baiana (*O cortiço*, de Aluisio Azevedo) encarnam essa proposta.⁷

⁶ Comentando o romance, Antonio Candido que, curiosamente, afirma de início que “não há gente de cor no livro”, observa: “Luisinha e Vidinha constituem um par admiravelmente simétrico. A primeira, no plano da ordem, é a mocinha burguesa com quem não há relação viável fora do casamento, pois ela traz consigo herança, parentela, posição e deveres. Vidinha, no plano da desordem, é a mulher que se pode apenas amar, sem casamento nem deveres, porque nada conduz além da sua graça e da sua curiosa família sem obrigação nem sanção, onde todos se arrumam mais ou menos conforme os pendores do instinto e do prazer.” “Dialética da malandragem”. *Jornal livro* (8), agosto de 1972; originalmente publicado na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* (8), 1970. Vidinha é assim pintada por Manuel Antonio de Almeida: “Vidinha era uma mulatinha de 18 a 20 anos, de altura regular, ombros largos, peito alteado, cintura fina e pés pequeninos; tinha os olhos muito pretos e muito vivos, os lábios grossos e úmidos, os dentes alvíssimos, a fala era um pouco descansada, doce e afinada.”

⁷ Seria preciso verificar quando e como a mulata baiana cedeu lugar à mulata carioca na cena textual, ou televisiva, nacional e em que medida uma enriqueceu os traços da outra. KLEIN, Herbert. “Os homens livres de cor na sociedade escravista brasileira”. *Dados* (17), 1978, chama a atenção para as bases demográficas da análise de Gilberto Freyre sobre a “ascensão do bacharel e do mulato”, mas observa que “a camada de mulatos livres possuía a mais alta percentagem de mulheres, dentre quaisquer outros grupos da população total.” No primeiro recenseamento nacional, de 1872, a “população de cor livre” atingiu 74% em relação à população total de cor; pela mesma época, em Cuba, ela atingira 34% e nos Estados Unidos 11%. Os mulatos “constituíam acima de dois terços da classe dos indivíduos de cor livres”. Sobre a importância do mulato na classificação racial brasileira comparada à norte-americana, ver DEGLER, Carl. *Neither black nor white*. New York, The Macmillan Company, 1971. A distinção clássica na sociologia brasileira entre preconceito de marca e preconceito de origem (1954) é de Oracy Nogueira. Ver *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo, T. A. Queiroz Editor, 1985. Como Skidmore mostra de maneira convincente, a idéia de uma “nação mestiça” é tão antiga quanto a crença no seu gradual branqueamento: o que raras vezes é explicitado é o papel da mulher nesse processo. Como dizia um visitante norte-americano em 1917: “... um dos fatores nesse processo é a seleção natural **pela fêmea** de um parceiro de cor mais clara do que a sua.” (Citado em SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco – raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p.91. Ver também pp.62-63. Minha ênfase.)

Sobre a invenção da mulata

Na classificação científica⁸ do século dezanove, brancos e negros se opunham como categorias discretas e sua mistura, portanto, tinha um efeito de paleta de pintor: tonalidades correspondiam também a atitudes, ou comportamentos, esperados de uma "mistura" não só de cores como de disposições inatas, herdadas.⁹ (Pré)disposições negativas no caso da entrada de herdeiros do primitivo mundo africano no civilizado mundo latino, primeiro, depois predisposições negativas das classes inferiores de imigrantes quando postas em contato com as classes superiores dos herdeiros dos legítimos conquistadores da terra, os lusos.¹⁰ O debate a respeito das

⁸ E também nas classificações pseudo-científicas: ver as "tabuadas para ficar branco" e "para ficar negro" de GAYOSO, Raymundo José de Sousa. *Compêndio histórico-político dos princípios da lavoura no Maranhão*. São Luís/Rio de Janeiro, Editora Livros do Mundo Inteiro, 1970. A edição original era do início do século e sua classificação é elogiada por Gilberto Freyre. Na classificação científica contemporânea, "raça" nesse sentido de categoria discreta não existe, definindo-se antes de maneira semelhante a que é socialmente, ou culturalmente, utilizada no Brasil. Ver GOULD, Stephen Jay. *Darwin e os grandes enigmas da vida*. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1987.

⁹ A bibliografia sobre o tema é vasta; para uma introdução a ela ver SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco...*. Op.cit.; STOCKING Jr., George. *Race, culture and evolution*. Chicago, University of Chicago Press, 1968; e GOULD, Stephen Jay. *The mismeasure of men*. New York, W.W. Norton & Company, 1981. Não cabe nos limites desta discussão, mas valeria uma investigação, o sinal positivo que receberam as "raças nativas", os indígenas, especialmente **as** indígenas, no discurso dos primeiros conquistadores a respeito da miscigenação: a morte de Iracema sinaliza assim tanto o estranhamento de seu filho da pátria (Sussekind, 1984) no tempo ficcional, quanto uma mudança de perspectiva na história da literatura. Sobre essa mudança do discurso colonial a respeito da miscigenação entre europeus e nativas nas colônias francesas e holandesas, ver STOLER, Ann L. "Making empire respectable: the politics of race and sexual morality in 20th-century colonial cultures" *American Ethnologist* 16(4), november 1989. Nas colônias norte-americanas, onde a proibição de casamentos entre brancos e negros era antiga, não há notícia de oposição legal à uniões entre brancos e índias. Ver HENDRICKS, Margo. "Civility, barbarism"; e BEHN'S, Aphra. "The widow ranter". In: HENDRICKS, Margo e PARKER, Patricia (eds.). *Women, "race" & writing in the early modern period*. London & New York, Routledge, 1994.

¹⁰ Sobre o discurso da eugenia nos primeiros anos deste século e sobre o debate a respeito das quotas de imigração de acordo com a nacionalidade dos imigrantes, ver

conseqüências dessas misturas tinha, é claro, conseqüências para a definição da nação e do nacional, mas o que interessa aqui é outro aspecto dele. Interessa o que estava em jogo nas diferentes definições de feminilidade e de masculinidade quando postas no contexto do debate sobre relações raciais.¹¹ De masculinidade: o mestiço era quase sempre também sinônimo de efeminado, ou, como era mais comumente chamado na época, de **pederasta passivo**, numa oposição nunca explicitada ao branco como heterossexual, por definição. Não por acaso, foi no contexto da análise dos cultos "afro-brasileiros" que se iniciou a discussão antropológica a respeito do homossexualismo no Brasil.¹² Trabalhando explicitamente com classificações raciais, os autores desses discursos recorrem, implicitamente, a classificações sexuais, aparentemente tão sedimentadas que não merecem, ou necessitam, ser postas em causa. A hierarquia sexual não estava em discussão mas parece servir como referência à essa nova distinção, também hierárquica, a ser aplicada à diferenças "naturais".

COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Documentário, 1976 e SEYFERTH, Giralda. "Os paradoxos da miscigenação: observações sobre o tema imigração e raça no Brasil". *Estudos Afro-asiáticos* (20), junho de 1991.

¹¹ Num artigo muito sugestivo, Nancy Stepan observa que "mulheres" e "raças inferiores" foram "análoga e rotineiramente unidas na literatura antropológica, biológica e médica dos anos 1867-70". "Raça e gênero: o papel da analogia na ciência". In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org.). *Tendências e Impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. Mas enquanto ela argumenta que o recurso às "raças inferiores" era utilizado para desqualificar as pretensões femininas ou feministas, sugiro aqui que as diferenças sexuais foram um recurso implícito, como que "naturalmente" imbricado na análise das relações raciais.

¹² Vários autores tem discutido a ausência de marca do branco/heterossexual nos discursos sobre gênero e raça – como se ele fosse o parâmetro não explícito deles, isto é, uma categoria "em branco" e neutra. Ver HENDRICKS e PARKER. Op.cit. A revisão da literatura sobre homossexualismo e cultos afro-brasileiros está em FRY, Peter. *Para inglês ver*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1982, capítulo III. LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., 1967, merece ser relida desse ângulo.

Sobre a invenção da mulata

É como se fosse impossível tratar de raça sem tratar de sexo ou de sexualidade: produto de relações sexuais (espúrias), o mulato trazia já no nome escolhido para designá-lo a marca de sua origem. (Durante algum tempo discutia-se na literatura médica se os mulatos, como o seu nome indica, eram ou não estéreis – como as mulas, produtos do cruzamento entre éguas e jumentos.¹³) Mesmo quando sua visibilidade social tornou impossível continuar a tratá-los como párias, eles conservaram traços dessa primeira definição: o mulato personagem de Aluísio Azevedo é perfumado, por oposição ao rançoso português destinado a casar com a heroína do romance, assim como são cheirosos os almofadinhas e malandros mulatos consagrados na literatura picaresca.¹⁴ Seja como for, os homens (mulatos) ao obterem um lugar na sociedade, branquearam socialmente de maneira muito rápida, aproximando-se também do pólo masculino no *continuum* Masculino/Feminina.

Se a anedota da princesa que dançou com o mulato embaixador ficou famosa como símbolo desse branqueamento social, não conheço nenhuma anedota equivalente a respeito de qualquer mulata na nossa história. No campo do debate sobre as relações raciais, a feminilidade da mulata era também definida por contraste (aproximações e afastamentos) com a da branca, que passa a ser a referência do discurso no seu caso. Nada exemplifica mais graficamente este modo de raciocínio do que a classificação das formas de hímem feita por Nina Rodrigues em suas análises médico-legais. Embora as mulheres mestiças apresentassem, como as brancas, as formas "mais variadas" de hímem, "as recém-nascidas, negras ou mestiças" apresentavam com freqüência uma forma de

¹³ E não só na literatura médica: Silvio Romero, por exemplo, afirmou que "os mais competentes naturalistas demonstraram que as raças demasiado distanciadas pouco coabitam e, quando o fazem, ou não produzem, ou se produzem, são bastardos infecundos depois da segunda ou terceira geração." Citado em SKIDMORE, Thomas. Op.cit., p.73.

¹⁴ Guita Debert comentou que o perfume dos mulatos é, no entanto, "exógeno" ao seu corpo; produto artificial aplicado a ele e não emanando dele como sugerem as metáforas em relação à mulata: um artifício para disfarçar um cheiro indesejável.

hímeme que facilmente se confundia com o hímem rompido. (Essa classificação parece ter facilitado enormemente seu trabalho como perito nos casos em que meninas negras ou mulatas violadas eram examinadas por ele – e sua queixa desqualificada.) "No que diz respeito às negras, as formas de hímem são mais simplificadas."

Como no caso do mulato, ocorre uma hierarquização interna à hierarquização, tomada como dada, entre homens e mulheres em geral. Isto é, assim como há Masculino e masculino (este mais próximo do outro extremo no *continuum* Masculino/Feminina), há também Feminina e feminina e tanto o negro como a negra precisam "branquear" para aproximar-se do pólo idealizado (M e F) em cada um deles. A personagem literária que melhor expressa esse argumento é a escrava Isaura, que foi igualada, pelos atributos físicos, às mulheres brancas, merecendo ser tratada como elas, isto é, saindo do reino da amoralidade para o da conjugalidade.¹⁵ Só que, no caso da mulata, é como se esse movimento na escala racial estivesse contido no espaço destinado ao feminina, espaço do qual o mulato "escapa" ao branquear. A mulata, ao contrário, ocupa inteiramente esse novo espaço expresso agora em letra minúscula. (O espaço masculino expresso em minúsculas será disputado por uma série complexa de outras figuras que não vem ao caso evocar aqui.)

Resumindo (e sem percorrer todo o caminho empírico necessário à demonstração): no terreno em que se inaugurou o debate sobre relações raciais, o da evocação de desigualdades biológicas ou orgânicas para explicar desigualdades sociais, as diferenças (e desigualdades) sexuais parecem ter oferecido um parâmetro implícito para analisá-las. Algo assim como as tabuadas de Gayoso sobrepostas

¹⁵ Analisando a presença da mulata na literatura, Teófilo de Queiroz Júnior observa: "E, situada em posição contraditória, amplamente exaltada por seus encantos e sensualidade, ela se oferece como eficiente recurso ao desencadeamento da trama, produzindo soluções em dois sentidos: individual, ao afetar o rumo das pessoas que se envolvem com ela, cedendo aos seus encantos, comprometendo-se com sua maneira envolvente de ser; e coletivo, quando põe à prova padrões, sistemas ou instituições, dos quais faz transparecer as inconsistências e inadequações." QUEIROZ Júnior, Teófilo de. Op.cit., p.118.

Sobre a invenção da mulata

ao mito de Adão e Eva ou algo como: B/n : H/m :: B/H : n/m (Branco, negro, Homem, mulher).

Estamos, ainda, é claro, no terreno das definições sexuais e raciais, que é como elas eram fraseadas pelos autores que venho citando, como categorias discretas. Se complicarmos um pouco o quadro, evocando as sugestões mais recentes presentes no debate feminista contemporâneo¹⁶, e lembrarmos que cada uma dessas categorias é, ou pode ser, hierarquizada internamente, teríamos algo como: B/b: M/m:: N/n: F/f (Branco/branco, Negro/negro, Masculino/masculino, Feminina/feminina) que é, me parece, uma complicação interessante da idéia de *continuum*.¹⁷

Os pesquisadores que trabalham com a questão das relações raciais afirmam que o modelo brasileiro privilegiaria um continuum, e não categorias polares, como Branco e Negro, priorizando assim a alocação situacional, ou relacional, dos personagens numa escala cromática na qual outras classificações sociais interferem para defini-los como mais ou menos próximos a um ou outro desses pólos.¹⁸ Já as

¹⁶ Ver, por exemplo, "Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective". In: HARAWAY, Donna. *Simians, cyborgs, and women – the reinvention of nature*, New York, Routledge, 1991 (Tradução em *Cadernos Pagu* (5), 1995) e LAURETIS, Teresa de. (ed.) *Feminist studies/critical studies*. Bloomington, Indiana University Press, 1986, além da coletânea organizada por BUARQUE DE HOLANDA, Heloisa. Op.cit.

¹⁷ Marcio Silva sugere que mudar os termos ao longo da demonstração prejudica a sua lógica e que deveríamos manter aqui os termos Homem e Mulher, assim: B/b: H/h :: N/n: M/m. Tentei escapar da lógica do "sexo" ao usar Masculino e Feminina, mas mantive a "categoria nativa" **cor** dado que ela já é socialmente definida. Ver SILVA, Nelson do Valle. "Uma nota sobre 'raça social' no Brasil". *Estudos Afro-asiáticos* (26), setembro de 1994.

¹⁸ Para um resumo dessa posição, ver BIRMAN, Patricia. *Construção da negritude: notas preliminares, em Cativo e Liberdade*. Rio de Janeiro, UERJ, 1989. "Há muito que já se sabe que o sistema de classificação racial brasileiro possui como uma de suas particularidades o fato de ser ordenado de modo a privilegiar relações entre dois pontos polares ao invés de traçar uma linha divisória nítida entre dois campos, o branco e o negro. Em outras palavras, privilegia-se um certo *continuum* de relações ao invés de estabelecer campos com fronteiras em domínios excludentes. Nesse sistema, as referências à cor da pele se fazem preferencialmente por gradações – as pessoas

pesquisas a respeito da situação da mulher na sociedade brasileira – que são a base para a discussão a respeito das questões de gênero, desenvolvimento recente da teoria feminista entre nós – parecem afirmar o oposto: as categorias Homem e Mulher (assim nomeadas nas pesquisas), ou Masculino e Feminina, seriam categorias discretas, definidas antes por oposição e por contraste do que por relação: categorias binárias mutuamente exclusivas.¹⁹

3. a mulata tal qual

A figura da mulata põe em xeque ambas as propostas. No caso da classificação racial, sua situação no "continuum" é fixa, ainda que ambígua. Isto é, ela está a meio caminho (no limiar, diria Lacan: nem natural, nem cultural, nem individual, nem social) entre o Branco e o Negro – mas aí fica. Ao contrário da fluidez e circulação supostamente permitidas nesse *continuum* aos "elementos de cor", à mulata é reservado um lugar definido, ou definitivo, do "encontro das raças": uma espécie de pororoca cultural. A mulatice não é uma definição

aproximam-se do negro em certas circunstâncias. São em certos contextos **mais** ou **menos** 'escuros'." (p.195-196)

Neste trabalho também utilizo a idéia do *continuum*, dado que o terceiro termo do "triângulo racial" (DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis, Vozes, 1981.) não está em discussão aqui, apesar de sua relevância para o aprofundamento teórico do tema. Tal escolha deixa de lado, é claro, interessantes desenvolvimentos lógicos da questão, os quais não posso perseguir aqui. Observo, entretanto, que não se trata de uma analogia mecânica entre os termos Branco/negro, Homem/mulher mas, como se fosse, de uma sobreposição metafórica das relações "naturais" entre os sexos às relações "naturais" entre as raças, o que não impediria de incluir aquelas internamente construídas a cada um dos termos do triângulo das raças, reforçando assim a proposta de Matta em relação ao nosso sistema social como um sistema hierárquico.

¹⁹ Sobre essas pesquisas, ver as revisões de CORRÊA, Mariza. "Mulher e família: um debate sobre a literatura recente". *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais* (18), 1984 (reproduzido em *O que se deve ler em ciências sociais no Brasil* (3), São Paulo, ANPOCS/Cortez, 1990) e HEILBORN, Maria Luiza. "Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil". In: COSTA Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro e São Paulo, Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992.

Sobre a invenção da mulata

passível de negociação: "a mulata é a tal".²⁰ Ou, como observa Da Matta, nosso sistema de classificação, ainda que funcione por gradações, postula "um lugar para cada coisa, cada coisa em seu lugar" (1981:83). Mudando de registro, no caso de sua definição de gênero, as coisas se complicam: a mulata é, definitivamente, uma figura feminina; o que ela põe em questão é a univocidade da letra F no par binário Masculino-Feminina, lembrando que o f é mestiço, "quando não no sangue, nas idéias" (Silvio Romero). Saindo do universo das definições de sexo, ela se torna gênero em dois sentidos: a mulatice é um gênero de ser, consagrado por Di Cavalcanti ou Sargentelli, entre outros, algo assim como o equivalente a um gênero literário e a mulata é uma figura engendrada, culturalmente construída num longo processo histórico que a opõe seja às figuras femininas que são moeda corrente em nossas pesquisas, seja às figuras masculinas que se opõem a elas (opondo-se, ao mesmo tempo, ao Branco e ao Negro).²¹ No universo textual, ambos, o mulato e a mulata, saíram do âmbito das classificações de sexo para o das classificações de gênero, mas seguindo caminhos diferentes: um transformou-se em agente

²⁰ Marcha de João de Barro e Antonio de Almeida para o carnaval de 1948: "Branca é branca/ preta é preta/ mas a mulata é a tal." Citado em QUEIROZ Júnior. Op.cit.

²¹ Comparando os resultados de algumas pesquisas antropológicas em sociedades nas quais há um certo trânsito entre as categorias Masculino/ Feminina, e as pesquisas nas sociedades ocidentais, Henrietta Moore observa: "The experience of being a gendered self in a context where gender differences are thought to lie as much within bodies as between them, and where aspects of one's gender identity are thought to be fluid and changeable, is likely to be significantly different from the experience of being a gendered self in a context which stresses the fixed and mutually exclusive nature of binary gender categories." (*A passion for difference, essays in anthropology and gender*. Bloomington and Indianapolis, Indiana University Press, 1994.) Se substituirmos o termo gênero pelo termo raça, teremos uma oposição análoga à que é comumente feita entre o sistema de classificação racial norte americano ("natureza mutuamente exclusiva de categorias binárias de raça") e o brasileiro ("identidade racial... fluida e mutável"). Ao longo de seu texto, Moore chama a atenção para a mesma incongruência, ou paradoxo, que notei no início, isto é, não só até que ponto impomos nosso sistema de classificações aos de outras sociedades que analisamos mas, também, até que ponto desconhecemos o próprio sistema de classificações de nossas sociedades.

social, elemento importante para a definição ou constituição da sociedade nacional, outra transformou-se em objeto social, símbolo de uma sociedade (que se quer) mestiça.

Resumindo: De um "modelo de sexo", passamos a um "modelo de gênero", senão na realidade, ao menos nas análises. Da mulata "animal", passando pela mulata "vegetal", chegamos à mulata tal qual, agora visualmente bem definida e aparentemente aceita no imaginário social como personagem com estatuto próprio.²²

Concluo com duas sugestões derivadas dessa rapidíssima excursão pelos caminhos de nosso imaginário racial. Se Roberto Da Matta tem razão (e creio que tenha) na caracterização da sociedade brasileira e as oposições aqui não se fazem através do confronto direto em termos de raça, talvez o mesmo se possa dizer a respeito das oposições em termos de gênero – o que **não** quer dizer ausência de conflito, mas implica em que analisemos esses conflitos levando em conta o quão perigosas podem ser as transgressões de fronteiras definidas no nosso sistema de classificações de maneira fluida.²³ E se, como a atenção dada à questão pelos nossos pensadores mais influentes leva a crer, raça (seja lá como for que ela tem sido definida ao longo desse debate) é um dos marcadores sociais mais importantes em nossa sociedade, ela, necessariamente, estará presente no campo semântico das definições de gênero.²⁴ Acredito que a mulata

²² Com uma distância de mais de setenta anos entre eles, Manoel Bomfim, o crítico mais elogiado das teorias racistas, e Roberto Da Matta, seu analista, expressam bem essa aceitação. Bomfim (1905) alude aos "quadris de uma mulata" para explicar as rixas entre os mestiços que defende da acusação de indisciplinados; Da Matta evoca o "ângulo feminino" do "elogio claro e aberto da mulataria." DA MATTA, Roberto. Op.cit. (Manoel Bomfim. In: SUSSEKIND, Flora e VENTURA, Roberto (eds.). *História e dependência – cultura e sociedade em Manoel Bomfim*. São Paulo, Editora Moderna, 1981.)

²³ Ver CORRÊA, Mariza. "Generat genus justitiam?". *Revista USP* (21), março/abril/maio, 1994, para um exemplo no âmbito da justiça penal, e Peter Fry (Op.cit., p.106) a respeito das dificuldades dos movimentos sociais de homossexuais num país onde a "democracia sexual", como a racial, é ostensivamente postulada.

²⁴ Agradeço a leitura e os comentários de Adriana Piscitelli, Plínio Dentzien, Guita Debert e Marcio Silva que me ajudaram a precisar melhor minhas idéias iniciais.

Sobre a invenção da mulata

construída em nosso imaginário social contribui, no âmbito das classificações raciais, para expor a contradição entre a afirmação de nossa democracia racial e a flagrante desigualdade social entre brancos e não brancos em nosso país: como "mulato" é uma categoria extremamente ambígua e fluída, ao destacar dela a mulata que é a tal, parece resolver-se esta contradição, como se se criasse um terceiro termo entre os termos polares Branco e Negro. Mas, no âmbito das classificações de gênero, ao encarnar de maneira tão explícita o desejo do Masculino Branco, a mulata também revela a rejeição que essa encarnação esconde: a rejeição à negra preta.²⁵

THE INVENTION OF THE MULATA

Abstract

Most of the authors working on the racial classification system in Brazil would subscribe Patricia Birman's description of it: "rather than establishing fields with excluding thresholds, privilege is given to a *continuum* of relationships". Such a system "allows its members to occupy different positions, each related to different dimensions of it", therefore making difficult the use of the notion of identity. The opposite seems to hold for the gender classification system, in which the masculine/feminine opposition tries to establish a clear delimitation of those thresholds, that is, to establish that there is no social or symbolic possibility of a *continuum* here. The mulatto trope is always invoked in the literature as a demonstration that such a *continuum* does not exist, but almost nothing is said about the **mulata** – which seemingly could help to resolve this cultural incongruity between national racial and gender classification systems. How was such a contradictory trope (the **mulata**) – that seems to validate and to invalidate, by turns, both systems of classification – historically invented. She emerges so neatly in medical discourses as in the nineteenth century descriptions of her or in the use/abuse television networks make today of her as a trademark.

²⁵ Este texto foi escrito para discussão no GT Raça e Gênero que coordenei na XX Reunião Brasileira de Antropologia, em Salvador, Bahia, em abril de 1996: o lançamento da revista *Raça Brasil*, em agosto, mostra como o panorama cultural começa a mudar. Veja-se a matéria sobre Valéria Valenssa, em seu número de fevereiro deste ano, na qual a palavra mulata não é dita uma única vez. E também as chamadas da Rede Globo sobre o carnaval, nas quais acontece o mesmo. Parece que a mulata está começando a ser culturalmente desconstruída...